

# pacto mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

*O pecado tem muitos instrumentos,  
mas a mentira é o manípulo que serve a todos.*

OLIVER WENDELL HOLMES



*Não se pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.*

PROVÉRBIO DO SÉCULO XVII



## C A P Í T U L O 1



O homicídio não era fanático, não tinha preconceitos. Não subcrevia nenhum sistema de classes. No seu estilo exuberante, mortífero e irrevogavelmente judicioso, o homicídio não olhava a raça, credo, género ou classe social. Era o que pensava Eve Dallas, no quarto luxuoso do recém-falecido Thomas A. Anders.

Ainda na noite anterior apanhara — e fechara — um caso de homicídio de uma mulher de vinte e três anos que fora estrangulada, espancada e depois atirada da janela do seu quarto sórdido num nono andar.

O quarto alugado à semana, onde o namorado da vítima se encontrava, alegadamente, a dormir à hora da morte dela, cheirava a sexo mofo, resquícios de Zoner e comida chinesa muito má. Anders? O quarto de Anders, em Park Avenue, cheirava a tulipas cor de rebuçado, a riqueza limpa e fresca, e a cadáver. A morte encontrara-o nos lençóis caros da sua enorme cama de dossel com cortinas de seda. Tal como encontrara Tisha Brown no colchão sujo de um quarto de drogados. A queda para o passeio fora apenas o floreado.

A ideia a reter, supunha Eve, era que, independentemente de quem se fosse — sexo, raça, nível económico —, a morte punha fim às diferenças. Inspetora da Divisão de Homicídios, com doze anos ao serviço da NYPSD<sup>1</sup>, Eve já tinha visto de tudo.

---

<sup>1</sup> Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, do original *New York Police and Security Department*. (N. de T.)

Ainda nem eram sete da manhã, e estava a sós com o morto. Os primeiros agentes a chegar ao local encontravam-se no rés do chão com a governanta que telefonara para o número de emergência. De mãos e botas seladas, Eve caminhava à volta do quarto, falando para o seu gravador.

— Vítima identificada como Anders, Thomas Aurelius, residente neste endereço. Sexo masculino, caucasiano, 61 anos de idade. Casado. A esposa encontra-se alegadamente fora da cidade e foi notificada por Horowitz, Greta, a empregada doméstica que encontrou o corpo por volta das seis da manhã e que ligou para o número de emergência às seis horas e doze minutos.

Eve pôs a cabeça de lado. O cabelo castanho curto, um pouco revolto, emoldurava-lhe a cara de ângulos e zonas planas. Os olhos, um pouco mais claros do que o cabelo, olhos de polícia — penetrantes, cínicos, calmos —, observavam o homem morto na enorme cama sumptuosa.

— Era suposto Anders estar sozinho em casa. Há dois androides domésticos, que foram desligados. À primeira vista, não foram detetados sinais de entrada forçada, assalto ou luta.

As pernas altas de Eve aproximaram-se da cama. Sobre o corpo esguio, ela usava umas calças práticas, uma camisa de algodão lisa e um casaco comprido de pele preta. Atrás dela, sobre uma lareira a gás iluminada por pequenas chamas vermelhas e douradas, o ecrã ligou-se subitamente.

*Bom-dia, Sr. Anders!*

Estreitando os olhos, Eve voltou-se para o ecrã. A voz feminina computadorizada pareceu-lhe irritantemente empertigada, e as cores do nascer do Sol que cobriram o ecrã não seriam a sua escolha para começar o dia.

*São agora 7h15 de terça-feira, 18 de março de 2060. Tem uma partida de golfe agendada para as dez horas, no clube, com Edmond Luce.*

Enquanto o computador relembrava, alegremente, Anders do que ele programara para o pequeno-almoço, Eve dizia para consigo: *Hoje não comes omelete de claras, Tom.*

Do outro lado do quarto, numa requintada zona de estar, um miniAutoChef com acessórios dourados brilhantes emitiu dois bipes.

*O café está pronto! Tenha um excelente dia!*

— Não me parece — murmurou Eve.

O ecrã passou para o noticiário da manhã, apresentado por uma mulher apenas ligeiramente menos empertigada do que o computador. Eve silenciou-a.

Também a cabeceira da cama era de um dourado reluzente — com varas esguias, brilhantes. Os pulsos de Anders estavam atados a duas dessas varas por cordas de veludo preto, enquanto os seus tornozelos se encontravam presos por outras duas cordas aos pés da cama. O conjunto de cordas condizentes era completado por uma quinta, que rodeava o pescoço da vítima, levantando-lhe a cabeça das almofadas. Anders tinha os olhos esbugalhados e a boca aberta, como se estivesse muito surpreendido de se ver naquela posição.

Havia vários brinquedos sexuais sobre a mesa de cabeceira. Sonda anal, vibrador, anéis coloridos para o pénis, loções várias e lubrificantes. Os suspeitos do costume, pensou Eve. Inclinando-se, observou o corpo, cheirou o peito magro, depilado, de Thomas Anders. Kiwi, pensou, pondo a cabeça de lado para ler os rótulos das loções.

Kiwi, sem dúvida. Havia gostos para tudo.

Reparando noutro pormenor, levantou o edredão que cobria a cintura de Anders e deparou-se com três anéis fosforescentes (que possivelmente brilhavam no escuro) a contornar uma impressionante ereção.

— Nada mau, para um morto.

Abriu a gaveta da mesa de cabeceira. Lá dentro, como calculara, estava uma embalagem de tamanho grande do mais vendido estimulante sexual, *Stay-Up*.

— Isto é que é recomendar um produto.

Eve estava a abrir o seu *kit* de campo quando ouviu passos que se aproximavam. Reconheceu o som das botas pesadas da sua parceira. O calendário dizia que a primavera estava a chegar, mas em Nova Iorque isso era uma mentira descarada. Como para o comprovar, a inspetora Delia Peabody entrou no quarto com um enorme blusão roxo — de penas — e um comprido cachecol às riscas, que parecia dar-lhe três voltas ao pescoço. Entre o cachecol e o gorro que lhe cobria as orelhas, só os olhos e a cana do nariz estavam visíveis.

— Estão uns malditos cinco graus — disse alguém que podia ser Peabody, a voz abafada pelo cachecol.

— Eu sei.

— Com o vento gelado, a sensação térmica é de uns dez graus negativos, foi o que disseram.

— Eu ouvi.

— Estamos em março, que raio, daqui a três dias é primavera. Não está certo.

— Vai zangar-te com eles.

— Com quem?

— Com os que falaram nos dez graus negativos. Estás mais lixada e com mais frio porque eles disseram isso. Livra-te de alguns desses trapos. Estás com um ar ridículo.

— Até os meus dentes estão gelados.

Mas Peabody começou a despir algumas das múltiplas camadas que trazia sobre o corpo roliço. Cachecol, casaco, luvas, fecho com isolamento térmico. Eve perguntou-se como conseguiria ela andar com todo aquele peso em cima. Já sem o gorro, o cabelo escuro de Peabody, com as suas atrevidas pontas reviradas na nuca, emoldurava-lhe o rosto quadrado. Continuava com a ponta do nariz vermelha, do frio.

— O agente à porta disse que, pelo aspeto, foram jogos sexuais que correram mal.

— Pode ter sido isso. A mulher está fora da cidade.

— Rapaz malcomportado. — Já só com a roupa de trabalho e com o equipamento de proteção, Peabody levou o seu *kit* para junto da cama. Deu uma olhadela à mesa de cabeceira. — Muito malcomportado.

— Vamos verificar a identificação, determinar a hora da morte. — Eve examinou uma das mãos inertes. — Parece que fez uma bela manicure recentemente. Unhas cortadas, limpas e polidas. — Inclinou a cabeça. — Não tem arranhões, nem hematomas, nem ferimentos, a não ser na garganta. E... — Levantou de novo o edredão.

Os olhos castanho-escuros de Peabody arregalaram-se.

— Uau!

— Sim, está de arma em riste. Uma casa como esta deve ter um bom sistema de segurança, vamos ver o que encontramos. Dois androides domésticos, precisamos de lhes ler a memória. Dá uma vista de olhos aos *links* da casa e de bolso, à agenda, aos registos de endereços. O Tom teve companhia. Não se ergueu nesta posição sozinho.

— *Cherchez la femme*. É francês, quer dizer...

— Eu sei que é francês. Também podemos estar a *cherchar* o... não sei como se diz «gajo» em francês.

— Oh. Pois.

— Termina a observação do corpo — ordenou Eve. — Eu encarrego-me do quarto.

Era um belo quarto, para quem gostasse de muitos dourados, pormenores cintilantes, arabescos. Para além da cama onde Anders parecia ter morrido, também duas enormes cadeiras arredondadas e um sofá multifunções convidavam ao descanso. A par do AutoChef, havia no quarto um minifrigorífico com revestimento acobreado, um bar e uma unidade de entretenimento. As casas de banho dele e dela, com áreas impressionantes, estavam equipadas com banheiras de hidromassagem, polibãs, tubos de secagem, centros de comunicação e entretenimento. Havia ainda dois *closets* de três níveis com quartos de vestir adjacentes.

Eve perguntou-se porque precisariam eles do resto da casa.

Podia dizer o mesmo de si, admitiu. Viver com Roarke significava viver num espaço suficiente para albergar uma pequena cidade, com tudo o que o dinheiro podia comprar. Roarke tinha — graças a Deus — melhor gosto do que os Anders. Eve não estava certa de que se tivesse apaixonado por ele, muito menos casado com ele, se ele se tivesse rodeado de ouro, brilhos e borlas, e só Deus sabia que mais.

Mas por muita *tralha* que houvesse naquele quarto, parecia estar tudo... nos seus devidos lugares, concluiu Eve. Não havia sinal de que algo tivesse sido remexido. Encontrou um cofre em cada *closet*, ambos escondidos de modo que uma criança de dez anos com terra nos olhos teria conseguido encontrá-los. Questionaria a viúva a esse respeito, mas não lhe cheirava a roubo ou assalto.

Voltando ao quarto principal, Eve olhou, de novo, em redor.

— As impressões digitais confirmam que se trata de Anders, Thomas A., residente nesta morada — começou Peabody. — O dispositivo indica 3h32 como hora da morte. É muito tarde ou muito cedo para jogos sexuais com mãos atadas.

— Se o assassino, ou a assassina, e a vítima chegaram aqui juntos, onde estão as roupas dele?

Peabody voltou-se para a sua tenente, franziu os lábios,

— Tendo em conta que és casada com o tipo mais atraente no planeta

e arredores, não tenho de te dizer que neste tipo de jogo o objetivo é estar-se nu.

— Outro objetivo é os intervenientes despirem-se um ao outro. Se vieram para aqui juntos — considerou Eve —, se iam fazer este tipo de jogos, será que ele ia despir-se e *depois* pendurar as suas roupas ou pô-las no cesto da roupa suja? Quando se tem isto no menu — apontou os brinquedos sexuais —, não se está preocupado com a arrumação do quarto. As roupas são puxadas, arrancadas, rasgadas... atiradas para o chão. Mesmo que seja um jogo antigo com um parceiro habitual, não vais apenas atirar a camisa para a cadeira?

— Penduro as minhas roupas. Às vezes. — Peabody encolheu os ombros. Inclinou a cabeça para observar de novo a cena do crime, e quando o cabelo lhe caiu para a cara, ela puxou-o distraidamente para trás. — Mas, sim, só faço isso quando não estou a pensar em saltar para cima do McNab ou quando ele não me está já a saltar para cima. Aqui parece estar tudo bastante arrumado, assim como nas divisões da casa por onde passei antes. Talvez o Anders fosse obcecado com a arrumação.

— Talvez. Podia já estar na cama. Três da manhã, surpresa! Depois as coisas descontrolaram-se, acidentalmente ou de propósito. A pessoa entra... é provável que a vítima ou outro residente a conhecesse. Não há vestígios de entrada forçada, e o sistema de segurança é de boa qualidade. Talvez isto faça parte do jogo. Entra depois de ele estar a dormir. Surpreende-o. Acorda-o. Ata-o, excita-o. Jogos e brinquedos.

— E foi longe de mais.

Eve abanou a cabeça.

— Foi tão longe quanto tencionavam que fosse. Asfixia erótica *ups!* não foi o que aconteceu aqui.

— Mas... — Peabody observou de novo o corpo, a cena do crime, e desejou conseguir ver o que Eve via. — Porquê?

— Se foi só um jogo que correu mal, porque é que deixou a corda enrolada ao pescoço do Anders? Houve um acidente, mas não lhe liberta o pescoço, não tenta reanimá-lo quando ele começa a sufocar e a ter espasmos?

— Talvez no auge do... Bem, é pouco provável, mas pode ter acontecido depressa, e, se calhar, ele ou ela entrou em pânico...

— Seja como for, temos um cadáver, temos um caso. Vamos ver se o médico-legista acha que foi acidental. Vamos interrogar a governanta, deixar a equipa forense fazer o seu trabalho.

Greta Horowitz era uma mulher de aspeto robusto, com uma cara grande e retangular, e uma atitude prática que Eve apreciava. Ofereceu-lhe um café na grande cozinha em tons de preto e prateado, e serviu-o com mãos firmes e olhos enxutos. Com a sua voz forte e o sotaque alemão, os olhos azuis diretos e a compleição de valquíria, Greta, calculou Eve, era o tipo de pessoa que enfrentava os problemas.

— Há quanto tempo trabalha aqui, Sr.<sup>a</sup> Horowitz?

— Estou há nove anos neste emprego, e neste país.

— Veio para os EUA de...

— Berlim.

— Como é que começou a trabalhar para os Anders?

— Através de uma agência de emprego. Quer saber como vim para cá e porquê. Isso é simples e depois podemos falar do que é importante. O meu marido era militar. Foi morto há doze anos. Não tivemos filhos. Sei cuidar de uma casa e, para arranjar trabalho, inscrevi-me numa agência na Alemanha. Tive vontade de vir para aqui. A mulher de um soldado vê muito do mundo, mas eu nunca tinha estado em Nova Iorque. Concorri a este lugar, e depois de várias entrevistas por *link* e holograma, fui contratada.

— Obrigada. Antes de irmos ao que é importante, sabe porque quiseram os Anders uma governanta alemã, especificamente?

— Sou gestora doméstica.

— Gestora doméstica.

— A avó do Sr. Anders era alemã, e ele teve uma ama alemã, em criança.

— Compreendo. A que horas chegou esta manhã?

— Às seis. Em ponto. Chego às seis, em ponto, todas as manhãs, exceto ao domingo, que é o meu dia de folga. Saio às quatro, precisamente, exceto às terças e quintas, em que saio à uma da tarde. O meu horário pode ser ajustado conforme necessário, e com alguma antecedência.

— Quando chegou às seis, em ponto, esta manhã, o que fez? Precisamente?

Os lábios de Greta franziram-se, muito ligeiramente. Talvez fosse um vestígio de humor.

— Precisamente, tirei o casaco, o chapéu, o cachecol, as luvas e

arrumei-os no armário. Depois, liguei as câmaras de segurança interiores. O Sr. Anders desliga-as todas as noites, antes de se deitar. Não gosta da sensação de ser observado, mesmo que não esteja ninguém em casa. A minha primeira tarefa de manhã é voltar a ligá-las. Depois de o fazer, vim para a cozinha. Liguei o ecrã para ouvir as notícias, como é meu hábito, e em seguida verifiquei o sistema de comunicação. Os meus patrões costumam fazer o pedido para o pequeno-almoço na véspera à noite. Preferem que seja eu a prepará-lo, em vez de usarem o AutoChef. O Sr. Anders pediu uma talhada de melão, uma omelete de claras com aneto, e duas fatias de pão de trigo torrado, com manteiga e compota de laranja. Café, com natas e uma colher de açúcar, e um copo de sumo de tomate.

— Sabe a que horas ele fez o pedido?

— Sim. Às 22h17.

— Então, começou a preparar o pequeno-almoço?

— Não. Hoje, o Sr. Anders ia tomar o pequeno-almoço às 8h15. A minha tarefa seguinte seria ligar os dois androides domésticos, que são desativados à noite, antes de o Sr. e a Sr.<sup>a</sup> Anders se irem deitar, e dar-lhes instruções para o serviço do dia. Os androides ficam na sala de segurança, ali. — Apontou. — Ia ativá-los, mas reparei nos ecrãs... nas imagens das câmaras interiores. Vi que a porta do Sr. Anders estava aberta. O Sr. Anders *nunca* deixa a porta aberta. Quando está no quarto, ou quando saiu do quarto, a porta está fechada. Se ele me chamar ao quarto, devo deixar a porta aberta enquanto lá estou, e depois tornar a fechá-la quando saio. O mesmo se aplica aos androides.

— Porquê?

— Não me cabe questionar ordens.

*Cabe-me a mim*, pensou Eve.

— Viu que a porta estava aberta, mas não reparou no homem morto na cama?

— As câmaras do quarto só captam a zona de estar. O Sr. Anders programou-as assim.

— Um nadinha fóbico, não?

— Talvez. Eu diria que é um homem que preza muito a sua privacidade.

— Então a porta estava aberta.

— Nove anos — continuou Greta. — Nunca encontrei a porta aberta pela manhã, a não ser que os meus patrões estivessem fora. Fiquei

preocupada, por isso dirigi-me para o piso de cima. Não cheguei a ativar os andróides. Quando cheguei ao quarto, vi a lareira acesa. O Sr. Anders não quer a lareira acesa quando está a dormir ou quando não está no quarto. Fiquei ainda mais preocupada, por isso entrei no quarto. Vi-o imediatamente. Fui até junto da cama e vi que não podia ajudá-lo. Voltei a descer, muito depressa, e liguei para o número de emergência.

— Porquê do rés do chão?

Greta pareceu confusa.

— Pensei, com base em livros, peças teatrais e vídeos, que não devia tocar em nada no quarto. Estou errada?

— Não, tem toda a razão. Fez o que devia.

— Ainda bem. — Greta anuiu, satisfeita consigo própria. — Contactei a Sr.<sup>a</sup> Anders, e esperei pela Polícia. Chegaram, talvez, em cinco ou seis minutos. Conduzi os dois agentes lá acima, depois um deles acompanhou-me de novo à cozinha, e ficou comigo até a tenente chegar.

— Agradeço os pormenores. Sabe dizer-me quem tem os códigos de acesso à casa?

— O Sr. e a Sr.<sup>a</sup> Anders, e eu. Os códigos são alterados de dez em dez dias.

— Mais ninguém tem os códigos? Um amigo próximo, outro empregado, um familiar?

Greta abanou a cabeça com firmeza.

— Mais ninguém tem os códigos.

— A Sr.<sup>a</sup> Anders está fora.

— Sim. Partiu na sexta-feira para uma semana de férias com amigas em St. Lucia. É uma viagem anual, embora não vão necessariamente para o mesmo sítio.

— Contactou-a.

— Sim. — Greta ficou ligeiramente inquieta. — Agora, pensando melhor, vejo que devia ter esperado, para ser a Polícia a informá-la. Mas... são os meus patrões.

— Como foi que a contactou?

— Liguei para o *resort*. Quando vai de férias, a Sr.<sup>a</sup> Anders costuma desligar o seu *link*.

— E como reagiu ela?

— Disse-lhe que tinha havido um acidente, que o Sr. Anders perdera a vida. Acho que ela não acreditou, e a princípio nem estava a perceber. Tive de repetir duas vezes e, quando ela me perguntou, não consegui,

dadas as circunstâncias, dizer-lhe de que tipo de acidente se tratava. Ela disse que vinha para casa imediatamente.

— Está bem, Greta. Tem uma boa relação com os Anders?

— São muito bons patrões. Muito justos, muito corretos.

— E como se dão um com o outro? Isto não são mexericos — acrescentou Eve, lendo a expressão de Greta. — É muito justo, e muito «correcto» revelar-me qualquer pormenor que me possa ajudar a descobrir o que aconteceu ao Sr. Anders.

— Pareciam-me satisfeitos um com o outro, muito compatíveis. Tinha a impressão de que gostavam um do outro, e da sua vida em comum.

Que gostassem um do outro não era a impressão que a cena do crime transmitia, pensou Eve.

— Algum deles tinha relações extraconjugais? Ou ambos?

— Refere-se a relações sexuais. Não sei dizer. Encarrego-me da casa. Nunca vi nada em casa que me levasse a pensar que um deles ou ambos tivessem relações adúlteras.

— Sabe de alguém que o quisesse ver morto?

— Não. — Greta recostou-se, devagar. — Pensei... pensei que alguém tinha assaltado a casa para roubar, e que o Sr. Anders tinha sido morto pelo ladrão.

— Deu por falta de alguma coisa, ou viu algo fora do lugar?

— Não. Não. Mas não procurei.

— Vou pedir-lhe que o faça agora. Um dos agentes vai acompanhá-la. — Olhou para Peabody, que acabava de entrar. — Peabody, chama um agente. Quero a Sr.<sup>a</sup> Horowitz acompanhada enquanto inspeciona a casa. Quando terminar, pode ir-se embora — disse Eve a Greta. — Peço-lhe apenas que deixe o seu contacto comigo ou com a minha parceira.

— Prefiro ficar até a Sr.<sup>a</sup> Anders chegar, se mo permitirem. Ela pode precisar de mim.

— Como queira. — Eve levantou-se, dando a entender que o primeiro interrogatório tinha chegado ao fim. — Obrigada pela sua colaboração.

Quando Greta saiu, Eve dirigiu-se para a divisão adjacente à cozinha. Aí encontrou os dois andróides, desligados, de pé. Um masculino e outro feminino, ambos de farda e com uma aparência distinta. Os ecrãs de segurança a que Greta se referira estavam alinhados numa parede e, tal como ela dissera, a câmara da *suite* mostrava apenas a zona de estar.

— Dallas?

— Hum?

— O sistema de segurança foi desligado às 2h28 e novamente ligado às 3h26.

Eve voltou-se, de sobrolho franzido, para Peabody.

— Reiniciado antes da hora da morte?

— Sim. Todos os discos de segurança das 24 horas anteriores desapareceram.

— Ora, estou chocada. Vamos chamar a DDE<sup>2</sup>, talvez consigam descobrir alguma coisa. Então, quem veio visitar o Anders deixou-o a sufocar, ainda com vida. Não me parece um jogo sexual que correu mal.

— Não — concordou Peabody. — Parece homicídio.

O comunicador de Eve tocou e ela atendeu.

— Dallas.

— Tenente, a Sr.<sup>a</sup> Anders acaba de chegar. Levo-a para dentro?

— Traga-a diretamente para a cozinha. — Eve desligou. — Bem, vamos ouvir o que a viúva tem a dizer.

Olhou para os ecrãs e viu Ava Anders entrar a passo rápido pela porta da frente, o casaco de pele de zibelina a esvoaçar em torno de um corpo esguio vestido de azul. O cabelo, de um louro delicado, estava severamente puxado para trás, deixando bem visível a face com maçãs do rosto salientes. Com pérolas gordas a balouçar nas orelhas, óculos escuros a esconder-lhe os olhos, Ava Anders caminhou pelo amplo vestíbulo de mármore e atravessou a passagem arqueada, com as suas botas de salto-agulha, acompanhada do agente.

Eve voltou para a cozinha e sentou-se à mesa, num recanto ensolarado, segundos antes de a viúva entrar.

— É a responsável? — Apontou um dedo a Eve. — É a responsável? Exijo saber o que se passa. Quem é *você*, afinal?

— Tenente Dallas, NYPSD. Homicídios.

— Homicídios? Que quer dizer com isso de «homicídios»? — Tirou os óculos escuros, revelando uns olhos tão azuis e intensos como o fato que envergava, e atirou-os para a bancada. — A Greta disse que tinha havido um acidente. Que o Tommy tinha sofrido um acidente. Onde está o meu marido? Onde está a Greta?

Eve pôs-se de pé.

---

<sup>2</sup> Divisão de Detecção Eletrónica. (N. de T.)

— Sr.<sup>a</sup> Anders, lamento dizer-lhe que o seu marido foi assassinado esta madrugada.

Ava ficou onde estava, as sobrancelhas unidas, a respiração rápida.

— Assassinado. A Greta disse... mas eu pensei. — Apoiou uma mão na bancada, e foi sentar-se, devagar. — Como? Ele... caiu? Sentiu-se mal, ou...

Era sempre preferível uma punhalada rápida e firme, disse Eve para consigo.

— Foi estrangulado na cama.

Ava ergueu uma mão, levou-a aos lábios. Ergueu a segunda mão, que pousou sobre a primeira. Os seus olhos de um azul intenso marejaram-se, e as lágrimas correram-lhe pela cara, enquanto ela abanava a cabeça.

— Sinto muito, mas preciso de lhe fazer algumas perguntas.

— Onde está o Tom?

— Estamos neste momento a ocupar-nos dele, Sr.<sup>a</sup> Anders — interveio Peabody, oferecendo-lhe um copo de água.

Ava aceitou a água, e quando essa mão tremeu, ela segurou o copo também com a outra.

— Assaltaram a casa? Não percebo como. Temos um sistema de segurança, um bom sistema. Há quinze anos. Vivemos aqui há quinze anos. Nunca fomos assaltados.

— Não encontramos indícios de assalto.

— Não compreendo.

— Quem matou o seu marido sabia o código de segurança, ou foi-lhe dado acesso à casa.

— Não é possível. — Ava rejeitou a hipótese sacudindo a mão. — Só eu, o Tom e a Greta temos o código. Certamente não está a sugerir que a Greta...

— Não, não estou. — Embora tencionasse informar-se a respeito da governanta. — A entrada não foi forçada, Sr.<sup>a</sup> Anders. Não encontramos, até agora, sinais de que a casa tenha sido invadida ou remexida.

Ava pousou uma mão entre os seios, onde um fio de pérolas luminosas repousava.

— Está a dizer que o Tommy deixou alguém entrar, e que essa pessoa o matou. Mas isso não faz sentido.

— Sr.<sup>a</sup> Anders, o seu marido estava envolvido com alguém, sexual ou romanticamente?

Ela virou-se de imediato, primeiro a cara, depois o corpo.

— Não quero falar sobre isso agora. Não vou falar sobre isso agora. O meu marido morreu.

— Se sabe de alguém que possa ter tido acesso à casa, ao quarto dele, enquanto a senhora estava fora, isso pode dizer-nos quem matou o seu marido, e porquê.

— Não sei. Não sei mesmo. E não sou capaz de *pensar* numa coisa dessas. — Descarregou a sua raiva em Eve. — Quero que me deixe em paz. Quero-a fora da minha casa.

— Isso não vai acontecer. Até indicação em contrário, esta casa faz parte de uma investigação de homicídio. O quarto do seu marido é o local do crime. Sugiro que pense noutro sítio onde ficar nos próximos dias, e que se mantenha contactável. Se não quiser continuar a responder às perguntas agora, terminamos mais tarde.

— Quero ver o meu marido. Quero ver o Tommy.

— Vai vê-lo logo que seja possível. Quer que contactemos alguém para estar consigo?

— Não. — Ava olhou através da janela iluminada pelo sol. — Não quero ninguém. Não quero ninguém agora.

Já na rua, Eve sentou-se ao volante e Peabody, ao seu lado.

— Deve ser duro — comentou Peabody. — Num minuto, estás a encher-te de bebidas tropicais e raios de sol, e no minuto seguinte o teu marido está morto.

— Ela sabe que ele andava a traí-la. Ela sabe alguma coisa.

— Acho que sabem sempre. As mulheres, quero dizer. Sabem sempre, quando são traídas. E acho que muitas vezes conseguem ignorá-lo. Esforçam-se tanto por fingir que não está a acontecer, que acabam por acreditar nisso.

— Estarias a chorar a morte do McNab se ele te tivesse traído?

Peabody franziu os lábios.

— Bem, como teria sido eu a matá-lo, estaria a chorar por mim, porque tu estarias a prender-me. E isso ia deixar-me muito triste. É fácil verificar se a Ava Anders estava realmente fora do país quando o marido foi morto.

— Sim, trata disso. E investiga a situação financeira dela. Têm muita massa. Talvez ela tenha usado alguma dessa massa para pagar a quem o matou. Pode ter pagado a quem andava a dormir com ele para o matar.

— Caramba, *isso* seria frio.

— Vamos investigar amigos, parceiros de negócios, de golfe...

— Golfe?

— Ele tinha uma partida de golfe marcada para esta manhã, com um tal Edmond Luce. Vamos tentar saber com quem praticava outro tipo de desporto quando a mulher estava fora com as amigas.

— Não gostavas de fazer isso? Uma viagem de raparigas?

— Não.

— Oh, vá lá, Dallas. — Só a ideia tinha animado a voz de Peabody.

— Ir a algum lugar com amigas, passar tempo juntas, beber muito vinho ou bebidas chiques, fazer tratamentos faciais, ir a um *spa*... ou ficarmos deitadas na praia, e conversarmos pela noite dentro.

Eve olhou para Peabody.

— Preferia que me arrastassem nua sobre cacos de vidro.

— Pois eu acho que devíamos fazer isso, um dia. Tu, eu, a Mavis, talvez a Nadine e a Louise. E a Trina... ela arranjava-nos o cabelo...

— Se a Trina entrar neste pesadelo mítico, eu arrasto-*a* sobre cacos de vidro. Tenho os meus limites.

— Ias divertir-te — murmurou Peabody.

— Sim, provavelmente. Ia sentir-me mal por a ter arrastado sobre cacos de vidro dez ou vinte anos mais tarde, mas na altura ia divertir-me.

Peabody desistiu e, suspirando, pegou no seu computador portátil e começou a pesquisa.

## C A P Í T U L O 2



**E**ra interessante, mas não surpreendente, que os escritórios da Anders Worldwide em Nova Iorque se localizassem na reluzente torre negra da 5th Avenue. Era também aí que ficava a sede das Roarke Enterprises em Nova Iorque, e Roarke era dono de cada centímetro daquela torre reluzente.

— Queres passar por lá e ver...

— Não.

Peabody revirou os olhos nas costas de Eve quando entraram no enorme átrio resplandecente, com os seus rios de flores, os seus mapas em constante mudança, as suas lojas movimentadas.

— Pensei que, já que estávamos aqui...

— Porque estamos aqui, Peabody? E se voltares a revirar os olhos nas minhas costas, vou arrancar-tos com um pau.

— Não tens um pau.

— Está ali uma árvore. Arranjo um.

Peabody suspirou.

— Viemos aqui porque estamos a investigar um homicídio.

— E o Roarke é suspeito de ter assassinado o Anders?

— Não.

Eve parou no controlo de segurança, ergueu o distintivo para o guarda de serviço. E ele sorriu-lhe com todos os dentes.

— Tenente Dallas. Pode subir.

— Não é para lá que vou. Anders Worldwide.

O guarda tocou no ecrã do computador.

— Pisos 21 e 22. A receção fica no 21. É a primeira série de elevadores. Quer que eu anuncie a sua chegada?

— Não, obrigada.

Eve chamou o elevador, entrou, indicou o 21.º piso.

— Achas que o Roarke conhecia o Anders?

— Provavelmente.

— Pode dar jeito.

— Talvez. — Eve tinha chegado à conclusão de que o facto de Roarke conhecer tanta gente não era completamente irritante. — Segundo apurámos, o Anders vale cerca de quinhentos milhões, sendo sócio maioritário da Anders Worldwide. — Enfiando os polegares nos bolsos, Eve pôs-se a tamborilar nas coxas. — São muitos motivos para homicídio. Juntamos sexo à equação, e está lá tudo. Ganância, ciúmes, ganhos, vingança.

— O tipo estava praticamente a pedi-las.

Eve sorriu de orelha a orelha.

— Isso é o que vamos descobrir. — Com a cara novamente séria, saiu pelas portas abertas do elevador.

Atrás de um longo balcão vermelho estavam três rececionistas de auricular e com um ar muito ocupado. Ainda assim, uma mulher de pele morena, sentada no centro, recebeu-as com um sorriso radiante.

— Bom-dia! Em que posso ser útil?

— Preciso de falar com o responsável máximo.

— De que departamento...? Ah. — Interrompeu-se, pestanejando para o distintivo que Eve atirara para o balcão vermelho.

— De todos. Quem é o número dois do Thomas A. Anders?

— É a minha primeira semana aqui. Não sei o que é suposto fazer. Frankie!

— O que é, Syl? — perguntou o homem à sua esquerda, baixando os olhos para o distintivo. — Será que posso ajudá-la, hmm...

— Tenente. Preciso de falar com o número dois na hierarquia da empresa, ou com a pessoa de posição mais elevada que aqui estiver agora.

— É o Sr. Forrest. Benedict Forrest. Ele encontra-se em reunião, mas...

— A reunião acabou.

— Claro. Peço-lhe só um minuto, para contactar o assistente dele. Ele depois acompanha-a lá acima.

— Eu consigo chegar lá acima sozinha. Diga ao assistente para tirar o Forrest da reunião. — Eve voltou para o elevador, rodou os ombros. — Teve piada.

— És tramada.

— Isso é que teve piada.

Quando tornaram a sair do elevador, uma mulher muito magra com uns saltos altos muito finos saiu a passo rápido de umas portas de vidro.

— Ah, senhoras agentes! Façam o favor de me acompanhar.

— É assistente?

— Não, sou a AA. Sou a administradora assistente. Vou acompanhá-las ao gabinete do Sr. Walsh.

— Que é o assistente administrativo, e não o administrador assistente.

— Exato.

— Como é que alguém consegue chegar ao fim de alguma coisa, tendo de traduzir estes títulos todos?

— Ah, o Sr. Walsh vai informar o Sr. Forrest de que estão aqui. Ao que parece, na receção não perceberam qual era o assunto.

— Não, não perceberam.

A administradora assistente abriu a boca, pensou duas vezes e tornou a fechá-la. Percorreram um labirinto de escritórios e cubículos, depois fizeram uma viragem de quarenta e cinco graus para o espaço funcional de (o nome estava gravado numa pequena placa de ónix junto à porta) Leopold Walsh.

O posto de trabalho dele era uma longa bancada independente de um preto luzidio, com o equipamento habitual — computador, centro de dados e comunicação, e pouco mais. Havia uma segunda bancada, ao longo da parede, com um fax a *laser* e um segundo computador, e uma terceira bancada funcionava como zona de bar, com AutoChef e frigorífico. Havia três assentos destinados a visitas, cubos sem costas, de um branco imaculado.

Os únicos pontos de cor no gabinete vinham de uma vistosa planta com flores de um vermelho-vivo, no centro do parapeito da generosa janela de vidro triplo.

O material de escritório e a necessária papelada estariam arrumados no armário encastrado na parede, supôs Eve.

Apesar de tudo, ela preferia o espaço exíguo e decrépito do seu gabinete na Central.

— Façam o favor de se sentar, o Sr. Walsh deve... — A assistente

olhou para a porta e um óbvio alívio iluminou-lhe o rosto. — Aqui está o Sr. Walsh.

— Obrigada, Delly. — Era um homem imponente, com uma pele da cor de chocolate negro e um fato com risca de giz. O cabelo curto realçava-lhe a cara atraente com ângulos pronunciados. Os olhos encovados, da cor de um bom café forte, passaram por Peabody e fixaram-se em Eve. — Leopold Walsh. Tenente...

— Dallas. — Eve apresentou o seu distintivo, formalmente. — E a inspetora Peabody. — Estamos aqui para falar com Benedict Forrest.

— Foi o que me disseram. — Ele devolveu-lhe o distintivo. — E como lhe disseram a si, o Sr. Forrest encontra-se em reunião.

— O distintivo bate a reunião.

— Seria útil dizer-me de que assunto se trata.

— Seria útil eu dizer ao Sr. Forrest de que assunto se trata.

Ele estava ali para lhes criar obstáculos, como Eve bem via. E não podia levar-lhe a mal, pois, no lugar dele, teria tentado fazer o mesmo.

— O Sr. Forrest... — Interrompeu-se, erguendo uma mão quando uma luz azul piscou no seu auricular. — Sim, senhor. Claro. O Sr. Forrest — começou, de novo — está disponível. Por aqui, por favor.

O escritório de Benedict Forrest ficava a poucos passos do gabinete do seu assistente, mas estava muito distante deste último no que se referia ao estilo. Ali, o posto de trabalho tinha tudo o que era necessário e útil, a par daquilo que Eve considerava serem brinquedos de rapaz — uma bola de basebol autografada num pedestal, um jogo de golfe eletrónico, alguns troféus, uma bola de futebol de esponja. Fotografias e pósteres de figuras do desporto ou de artigos desportivos colavam-se uns aos outros ao longo da parede.

As cadeiras eram de pele, fundas, e tinham um aspeto usado e confortável.

Forrest era quase dez centímetros mais baixo do que o seu assistente. Usava uma camisa com o colarinho aberto, umas calças de caqui e uns sofisticados *skids* com sola de gel. Tinha um ar afável, jovial, com o seu cabelo cor de areia despenteado, o sorriso fácil, os olhos alegres cor de avelã.

— Peço desculpa por tê-las feito esperar. Tive de terminar a reunião. Ben Forrest. — Atravessou o escritório enquanto falava, estendeu a mão num gesto enérgico. Eve apertou-lhe a mão, observando-o enquanto ele cumprimentava Peabody.

— Tenente Dallas, inspetora Peabody.

— Façam o favor de se sentarem. O que posso servir-lhes? Café, água engarrafada, uma bebida energética?

— Não tomamos nada, obrigada. Viemos falar consigo a respeito de Thomas Anders.

Um vestígio de humor passou pela cara expressiva de Forrest.

— Não me digam que o tio Tommy está metido em sarilhos.

— Tio?

— Irmão da minha mãe. Sentem-se, por favor. — Indicou os lugares, depois deixou-se cair numa cadeira. — Mais do que isso, na verdade, já que ele praticamente me criou depois da morte da minha mãe.

— Como foi que ela morreu?

— Comida por um tubarão.

Intrigada, Eve sentou-se.

— A sério?

Ele sorriu.

— Sim, a sério. Eu tinha seis anos, e não me lembro muito bem, por isso é mais interessante do que trágico, para mim. Ela estava a fazer mergulho junto à costa de Madagáscar. Bem, queriam falar sobre o meu tio?

Mais difícil, agora, pensou Eve.

— Lamento dizer-lhe que o Sr. Anders perdeu a vida esta manhã.

O ar divertido deu lugar ao choque, que lhe tirou a cor saudável da cara.

— O quê? Perdeu a vida? Como? Tem a certeza? Espere. — Levantou-se e tirou um *link* do bolso.

— Sr. Forrest, viemos agora de casa do Sr. e da Sr.<sup>a</sup> Anders.

— Mas... vamos ver o jogo dos Knicks amanhã à noite. E... jogámos golfe no domingo. Ele...

— Ben. — Leopold aproximou-se. Tirou o *link* da mão de Ben, pôs-lhe uma mão no ombro e ajudou-o a sentar-se na cadeira. — Sinto muito. Sinto mesmo muito. Vou cancelar o resto dos teus compromissos de hoje. — Dirigiu-se para um armário, deu um toque na porta e, quando esta se abriu, Leopold pegou numa garrafa de água fresca e tirou-lhe a tampa. — Bebe um pouco de água.

Como uma marioneta, Ben obedeceu. Eve não interferiu quando Leopold se posicionou como um guarda atrás da cadeira de Ben.

— O que aconteceu?

— Foi estrangulado.

— Não é possível. — Ben abanou a cabeça devagar, de um lado para o outro. — Não é possível.

— Sabe de alguém que lhe desejasse mal?

— Não. Não.

— Onde estava esta noite, entre a uma e as quatro da madrugada?

— Oh, Deus. Em casa. Em casa, na cama.

— Sozinho?

— Não. Estava com... uma amiga. — Esfregou a garrafa de água fria na cara. — Chama-se Gatch Brooks. Esteve lá toda a noite. Levantámo-nos por volta das seis, fizemos exercício juntos. Ela saiu... saímos ambos por volta das oito. Pode verificar. Verifique. Eu nunca faria mal ao tio Tommy. Ele é como um pai para mim.

— Eram próximos. Como descreveria a relação dele com a mulher?

— Ótima. Uma boa relação. A Ava... disse que tinha falado com ela. Contou-lhe... Deus, Leopold, arranja o número do sítio onde ela está hospedada. Tenho de...

— Ela está em casa, Sr. Forrest — disse-lhe Peabody.

— Ela... Ah, ela regressou a casa. Regressou quando soube... — Ben pressionou os olhos com os dedos. — Não consigo pensar como deve ser. Preciso de ir lá a casa, ir ter com a Ava. Preciso de... Onde está ele? Ainda está em casa, ou...

— Foi levado para a morgue. — Ben não se deu ao trabalho de conter as lágrimas, reparou Eve. Deixou-as correr-lhe pela cara. — O senhor... e a sua família poderão tomar providências para o funeral logo que terminemos o nosso exame.

— Está bem. — Ele pressionou, desta vez, os punhos nos olhos, inclinando-se para apoiar os cotovelos nas coxas. — Está bem.

— Com quem é que o seu tio estava sexualmente envolvido?

— Hum. — Os olhos de Ben, raiados de vermelho, fitaram Eve. — Ora, com a Ava. Eram casados, por amor de Deus.

— À margem do casamento.

— Com ninguém. — Raiva e indignação sobrepuseram-se à dor, envolvendo a cor às faces de Ben. — Que raio de coisa para se dizer. Ele não a traía. Não era assim. Vocês não sabem o tipo de homem que ele era. O tio Tommy acreditava na honestidade, no desportivismo, em jogar para ganhar, mas cumprindo as regras.

— Quem ganha com a morte dele?

— Ninguém — replicou Ben. — A morte dele é uma perda para

todos nós. Financeiramente, é o que quer dizer. Eu, a Ava. — Suspirou. — Não sei o que estará estipulado. Deve haver organizações de caridade, e algo para a Greta... a governanta. Mas aquilo a que se refere, serei eu e a Ava. Preciso de ir para lá.

Quando ele se levantou, o *link*, ainda na mão de Leopold, deu sinal. Depois de um relance para o ecrã, Leopold passou-o a Ben.

— É a Sr.<sup>a</sup> Anders.

Ben agarrou o *link*, voltou-se de costas.

— Modo de privacidade — ordenou. — Ava. Meu Deus, Ava, acabaram de me dizer... eu sei. Eu sei. Não faz mal. Sim, a Polícia está aqui. Sim, isso mesmo. Vou já para aí. Eu... — A sua voz fraquejou, depois soou novamente firme. — Não posso acreditar que ele morreu. Não consigo aceitar. Vou para aí logo que possa.

Terminada a transmissão, Ben voltou-se para Eve. Parecia destroçado.

— Ela precisa da família. Tenho de ir.

— Temos de inspecionar o gabinete do Sr. Anders — disse-lhe Eve. — E precisamos de acesso aos seus equipamentos eletrónicos.

— Está bem. Sim, claro. Tenho de ir. Leo, tudo o que for necessário.

Eve esperou até estarem no elevador.

— Engraçado, não achas, que o gabinete do Anders, tal como o do sobrinho, seja tão informal, até uma espécie de *man cave*, com troféus e equipamento desportivo por toda a parte. Nada chique, ou sofisticado, ou na moda. Nada como a casa dele.

— Bem, ele vende artigos de desporto. E muitas casas refletem mais o gosto da mulher do que o gosto do homem. Ou o gosto de um dos parceiros.

Eve pensou em si e em Roarke. No que tocava a decoração, ela... nunca pensava nisso, admitiu. No entanto, tinha o seu escritório em casa, o seu humilde (em comparação com o resto da casa) escritório, que ia ao encontro do que podia ser considerado o seu estilo pessoal.

— Não vi nenhum espaço de entretenimento masculino na casa — comentou, encolhendo os ombros. — O que achaste do Forrest, Peabody?

— Ou ganha o prémio de melhor ator do século, ou ficou sinceramente chocado quando lhe deste a notícia, sincera e completamente destroçado. Não detetei uma nota em falso que fosse. Acredito nele.

— Pareceu não ter nada a esconder. Vamos confirmar o álibi dele.

Se o Anders assumiu o papel de papá desde os seis anos do Forrest, isso foi há mais ou menos vinte e cinco anos. É curioso a Ava ter dito que não tinham filhos.

— Bem, *não* tinham filhos.

— Ela nem sequer mencionou o Forrest, e só telefonou para lhe dar a notícia várias horas depois de a governanta a ter informado. Talvez seja uma nota em falso — especulou Eve —, talvez apenas choque e confusão. O Forrest parece um bom tipo, um bom tipo que está bem na vida. Agora é um tipo muito rico.

— Vou iniciar uma pesquisa sobre ele. Não mencionaste que é um tipo muito giro — acrescentou Peabody quando desciam para o parque de estacionamento subterrâneo. — Tinha aquele ar descontraído, atlético. Mas o assistente? — Peabody sorveu ar por entre os dentes. — Uma *brasa*.

— Sim, para outro gajo.

— Hum?

— É homossexual, Peabody.

— Hum-hum. Porquê?

— Pode ser bi. — Com mais um encolher de ombros, Eve encostou-se à parede. — Seja como for, tem uma paixoneta muito séria pelo chefe.

— Não vi isso. Não vi nada disso.

— Porque estavas demasiado ocupada a olhar para a brasa. Quanto a mim, fiquei praticamente enterrada em vibrações de amor/desejo não correspondido. O Leopold Brasa estava muito controlado, até o Forrest se ir abaixo. Deve ser difícil.

— Talvez o amor/desejo seja correspondido.

Eve abanou a cabeça.

— O Forrest não faz ideia. Nem viu como o Leopold estremeceu quando ele falou na amiga que é o álibi. Vamos investigar também a brasa. — As portas do elevador abriram-se e Eve saiu. — O amor leva as pessoas a fazerem coisas estranhas.

Sim, com efeito, pensou, passado um momento, ao ver Roarke tranquilamente encostado ao económico veículo da Polícia. Alto, esguio, com um cabelo preto revoltado a emoldurar uma cara abençoada pelos deuses, Roarke pousou nela aqueles olhos azuis irresistíveis. Era ridículo, disse Eve para consigo, sentir aquele ardor na barriga, o coração a disparar quando ele a fitava — mas não era mais ridículo do que um homem que

era dono de um bom pedaço do universo conhecido estar a trabalhar com o seu minicomputador portátil num parque de estacionamento, para ocupar o tempo.

Ele enfiou o computador no bolso e sorriu.

— Tenente. Olá, Peabody.

— Não devias estar lá em cima a comprar o Alasca?

— Fiz isso na semana passada. Ouvi dizer que tínhamos polícias no edifício. Que posso fazer pela NYPSD, que não tenha já feito?

Oh, sim, pensou Eve, a voz também era irresistível, com ecos de colinas verdes e brumas da Irlanda. E era claro que ele havia de *ouvir dizer*. Nada passava despercebido a Roarke.

— Não és suspeito, desta vez. Tens álibi para as horas em questão.

— Um álibi bastante sólido — acrescentou Peabody —, a dormir com a investigadora responsável. — Sob o olhar severo de Eve, Peabody encolheu-se. — Estou só a dizer.

Roarke brindou-a com um sorriso rasgado.

— E a investigadora responsável levantou-se bem cedinho, quando o dever a chamou. — Voltou-se para Eve. — Quem morreu, afinal?

— Thomas A. Anders, da Anders Worldwide.

O sorriso esmoreceu.

— Ah, sim? Bem, é uma pena.

— Conhecia-lo?

— Um pouco. Gostava bastante do que conhecia. Então foste ao escritório dele, falaste com o Ben, o Benedict Forrest.

— Um ponto para ti. Conheces bem o Forrest?

— Informalmente. É um homem bastante informal. Afável, e mais esperto do que muitos o julgam.

— E a viúva?

Roarke pôs a cabeça de lado.

— Parece que estou a ser interrogado, afinal. Devias ter ido lá acima, e teríamos tido esta conversa num lugar mais agradável.

— Preciso de ir à morgue.

— Quantos homens são casados com mulheres que dizem isto com frequência? Bem. — Olhou para a sua unidade de pulso. — Por acaso, tenho assuntos a tratar na baixa. Podias dar-me boleia, e interrogar-me sem dó nem piedade durante o caminho.

A ideia tinha o seu mérito. Eve destrancou o carro.

— Tens boleia até à morgue, depois estás por tua conta.

— Mais uma vez, quantos homens têm a minha sorte? — Abriu a porta a Peabody, mas ela fez-lhe sinal para se sentar.

— Eu vou atrás. Tenho trabalho, de qualquer modo.

— Começa por verificar o álibi do Forrest — ordenou-lhe Eve, sentando-se ao volante.

— Como é que o Anders foi morto? — perguntou Roarke.

— Dá-me as tuas impressões primeiro. A vítima, a viúva, qualquer outra pessoa que nos possa interessar.

— O Anders é a segunda geração na empresa; substituiu o pai, que morreu há cerca de um ano, julgo. Talvez há um pouco mais. O negócio corre bem, produtos de boa qualidade a um preço razoável.

— Não estou preocupada com a empresa — disse Eve, encaminhando-se para a saída do parque. — Não para já.

— Uma coisa influencia a outra. O Anders levava uma vida bastante discreta, julgo. Doidos por desporto, tanto ele como o Ben, o que faz sentido para quem vende e desenvolve equipamentos desportivos. O Thomas gostava de golfe, em particular, e de vários outros jogos que implicam bater ou lançar bolas. Penso que ele preferia tratar de negócios num campo de golfe ou de basebol a fazê-lo no escritório. Tenho a ideia de que ele apreciava o seu trabalho, e de que era bom no que fazia.

Eve entrou no trânsito, rodeando um maxiautocarro, e começou a abrir caminho através da cidade.

— E a mulher dele?

— Atraente, bem-falante. Ah, envolvida em algumas obras de caridade, tanto quanto sei. O Anders patrocina campos desportivos para crianças desfavorecidas. Julgo que ela se encarrega de arranjar financiamento. Acho que não os vi juntos muitas vezes, mas ele tinha a reputação de evitar acontecimentos sociais... como algumas pessoas.

Eve estreitou os olhos na direção dele.

— Eu vou a essas coisas. Impressões sobre a relação deles?

— É difícil dizer, porque não éramos próximos. Pareciam-me uma equipa, afetuosos. Em sintonia, diria eu.

— Havia rumores de que ele andasse a traí-la?

Roarke ergueu as sobrancelhas.

— Não, que eu tenha ouvido, mas também não tinha razão para ouvir algo assim. Isso é o cinismo básico de polícia a falar, ou tens motivos para achar que ele traía a mulher?

— Na altura da morte, a mulher estava fora do país. Isso já

confirmámos. A governanta do Anders... a sua *gestora* doméstica — corrigiu Eve — encontrou-o esta manhã, pouco depois das seis horas. Nu, mãos e pés atados com cordas de veludo. O tipo de material que as *sex shops* vendem a metro. Tinha outra corda enrolada ao pescoço, a sugerir uma sessão de asfixia erótica que tivesse corrido mal. Havia vários acessórios e brinquedos sexuais na mesa de cabeceira, e o cadáver ainda apresentava uma ereção impressionante quando a investigadora principal iniciou a sua observação. Não foram encontrados sinais de entrada forçada ou de luta, nem outros vestígios de trauma ou violência no corpo.

Roarke ficou em silêncio por um momento.

— As pessoas têm os seus segredos, e apetites que escondem dos outros. Ainda assim, eu não o veria como um homem que se dedicasse a esse tipo de desporto. Pormenores sórdidos como esses vão deixar os *media* a salivar. Será difícil para a família.

— Ocorre-te alguém que pudesse querer acabar com ele, e fazer as coisas de maneira a deixar os *media* a salivar?

— Com que objetivo? Se estás a pensar num concorrente, matar o Anders não mata, nem prejudica, a empresa. E um escândalo assim? Não ia afetar as ações nem as vendas. Não de um modo significativo. Na verdade, até podia funcionar como um estímulo, temporariamente. As pessoas são criaturas estranhas. Preciso de uns ténis novos. Acho que vou comprá-los da marca daquele tipo que morreu com uma ereção.

— Se a ereção durou, os ténis também vão durar.

— Exato. Até podiam usar isso como um maldito *slogan*.

— O álibi do Forrest confirma-se — disse Peabody, do banco de trás. — Contactei a DDE e está uma equipa de peritos no local. Outra equipa vai transportar os equipamentos do Anders. O primeiro relatório corrobora o que eu apurei. O sistema de segurança foi desligado às 2h28, reiniciado às 3h26. Esteve quase uma hora sem funcionar.

— Só pode ter sido controlo remoto — disse Eve, com um relance para Roarke. — Só com o código de acesso ou com as definições do sistema seria possível evitar o alarme.

— Há outras formas. Há sempre outras formas.

— Nada disso seria preciso se não fosse premeditado. O Tom atrevido vai receber uma visita, não precisa de desligar a segurança. A mulher está fora do país, e só volta daí a vários dias. Então, ele deixa a pessoa entrar, ou dá-lhe o código de acesso. Assim? É demasiado elaborado, demasiado *cuidadoso*.

— E tem o seu quê de perverso — acrescentou Roarke. — Há formas, há sempre formas, de matar um homem. Porquê escolher matá-lo desta maneira? Com intimidade, e de um modo que mancha a vítima e a sua família?

— Vamos descobrir. Primeira paragem. — Eve parou em segunda fila, à porta da morgue. — Peabody, eu trato disto. Volta para a Central, começa a pesquisa. Vê se consegues localizar o parceiro de golfe da vítima e investiga-o. Quero que a DDE avalie que tipo de comando remoto terá sido usado. Vamos começar a reconstituir o dia de ontem da vítima.

Ignorando a fúria das buzinas, Eve voltou-se para Roarke.

— Esta é a tua paragem, amigo.

Ele olhou através da janela para a morgue.

— Só daqui a muito tempo, espero eu. Boa sorte, Peabody — acrescentou, saindo do carro para se juntar a Eve no passeio. — Podia fazer algumas perguntas. Conheço pessoas que o conheciam, pessoas que tinham negócios com ele.

— Podias, sim. — Considerando a oferta, Eve enfiou as mãos nos bolsos e admirou-se de encontrar luvas dentro deles. — Por esta altura, já se sabe da notícia, portanto não haverá problema. Tens mesmo assuntos a tratar por estes lados?

— Tenho, sim. Mas mesmo que não tivesse, a viagem teria valido a pena.

Eve fitou-o sob o vento teimosamente gelado.

— Falar sobre homicídio faz a viagem valer a pena?

— O tema é invariavelmente interessante, mas não. Isto é que faz a viagem valer a pena.

Abraçou-a (Eve devia tê-lo previsto) e os seus lábios encontraram os dela. A onda instantânea de calor fê-la esquecer o vento gelado e o inverno que não chegava ao fim. A súbita energia e o choque do beijo fizeram-na balouçar sobre os calcanhares, dando-lhe a sensação de ter raios de sol nas pontas dos dedos.

Roarke segurou-lhe o queixo com uma mão e sorriu-lhe.

— Definitivamente, valeu a pena.

— Para com isso.

— Bom trabalho, garanhão.

Olharam ambos para a sem-abrigo encolhida junto a uma porta. A mulher (Eve julgou tratar-se de uma mulher, mas não saberia dizer ao certo, pois com tantas camadas de roupa de natureza diversa, o vulto

parecia uma pequena montanha de retalhos) sorriu-lhes e ergueu um polegar.

Eve apontou um dedo ao peito de Roarke, para o dissuadir de repetir o gesto.

— Agora, vai-te embora.

— Valeu a pena a viagem, sem dúvida. Boa caça, tenente.

Ele afastou-se, e Eve dirigiu-se para a entrada da morgue. Mas não resistiu a olhar para trás, e então viu-o parar e agachar-se para falar com a mendiga. Curiosa, Eve abrandou o passo para o observar mais alguns instantes, e não se surpreendeu ao vê-lo tirar algo do bolso para dar à mulher.

Dinheiro, supôs, e provavelmente mais do que ela devia conseguir numa semana. Ela havia de comprar cerveja, em vez de pagar uma cama ao abrigo do frio, pensou Eve. Roarke devia saber isso, e ainda assim...

E ainda assim, pensou Eve, contente por amar um homem que largava um punhado de dinheiro no vazio, pelo sim, pelo não. Com este pensamento, Eve entrou na casa onde a morte tinha sempre uma cama.